

GOLDSTEIN, Ariel Alejandro. **Poder evangélico: cómo los grupos religiosos están copando la política en América.** 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Marea, 2020.

Flávio Munhoz Sofiati\*

O livro de Ariel Goldstein, publicado na Argentina em 2020, apresenta um significativo panorama da presença religiosa pentecostal na política do continente. O autor evidencia o protagonismo evangélico no poder e nos fornece uma narrativa completa de diferentes cenários nacionais acerca do debate em torno da temática da secularização/laicidade, analisando a influência das igrejas, pautadas pela Teologia da prosperidade, nos Estados-nação.

A obra, editado por Constanza Brunet da Marea Editorial, analisa diferentes contextos, indo dos EUA ao Uruguai e passando pela realidade do Brasil. A proposta de Goldstein é de identificar os atores que possibilitam as alianças entre religião e política na América Latina, Central e do Norte, tendo como protagonistas os líderes evangélicos, fundamentalmente aqueles vinculados às instituições religiosas pentecostalizadas.

Goldstein começa um estudo acerca dos EUA, evidenciando o apoio religioso à política de Donald Trump, configurado como um governo autoritário. O autor trata da lógica da constituição da chamada “maioria moral” como argumento decisivo do apoio pentecostal às práticas armamentistas e de apologia à violência.

---

Resenha recebida em 1 de maio de 2021 e aprovada em 16 de dezembro de 2021.

\* Doutor em Sociologia pela USP. Professor adjunto da UFG. País de origem: Brasil. E-mail: sofiati@gmail.com.

O Brasil de Bolsonaro é também tratado no livro. O autor intui sobre o governo fascista apoiado por forças conservadoras e violentas, entre elas os carismáticos católicos e evangélicos pentecostais. O livro detalha a agenda comum entre o atual governo e a Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional, pautada pela luta contra direitos das mulheres e da comunidade LGBTQI+ como, por exemplo, a questão do aborto e do casamento entre casais do mesmo sexo.

A Colômbia é tratada a partir da temática em torno da pacificação do país. Mostra-se o apoio evangélico ao ex-presidente Álvaro Uribe, contrário ao tratado de paz do Governo com as FARC. Sobre a Argentina é analisado principalmente a oposição ao Congresso argentino que almejava instituir a legalização do aborto no país.

A América central é estudada a partir de El Salvador, Guatemala Honduras e Costa Rica. O autor demonstra a importância dos evangélicos nestes países com sua forte presença na política. Considera-se esta região em um estágio avançado de presença pentecostal no poder em vistas das eleições de algumas figuras públicas pentecostais para os executivos nacionais.

A Bolívia é analisada tendo em vista o apoio ao golpe contra o governo de Evo Morales. Há inclusive o destaque ao processo de demonização das tradições indígenas por parte dos pentecostais, configurando em um desrespeito extremo à cultura original dos povos daquela região do continente. Há análises também acerca dos países andinos, Peru e Venezuela, destacando o apoio evangélico ao fujimorismo.

A obra é também composta de uma discussão acerca do pacto de governos progressistas com os evangélicos, como no caso de López Obrador no México, Lula e Dilma no Brasil. Uruguai e Paraguai também são destacados no livro para pensar a temática da secularização e laicidade do Estado. Goldstein nos fornece elementos para justificar o caráter *sui generis* do Uruguai no contexto latino-americano, visto o alto índice de indivíduos sem religião naquele país.

A obra começa e termina com o estudo dos EUA, sendo que no final são apresentados os governos de Trump e Bolsonaro como modelos exitosos de ação política evangélica nas Américas. Goldstein argumenta que são modelos consolidados de penetração evangélica na política do Estado que, em geral, sustentam as políticas neoliberais estabelecidas pelas forças de manutenção do capitalismo contemporâneo.

O livro de Goldstein nos remete ao debate acerca de diversas questões que são fundamentais para entender não somente a presença evangélica na política, mas sobretudo o cenário contemporâneo internacional e o papel exercido pelas religiões no mundo secularizado.

A primeira, na esfera da política, diz respeito ao processo global de ascensão de movimentos autoritários e de características fascistas (considerando as caracterizações de Umberto Eco e Walter Benjamin), neofascistas (defendida por Michael Löwy) ou mesmo cristofascistas (como advoga Fábio Py). A segunda, na esfera própria da religião, corresponde ao processo de pluralização das religiões (e do cristianismo na América Latina) com queda exponencial das religiões tradicionais (no caso da nossa região, o catolicismo). A terceira, também no âmbito religioso, é que esse contexto vem acompanhado do processo de pentecostalização do cristianismo, principalmente no sul global, no qual cerca de 600 milhões de cristãos são pentecostais/neopentecostais em um universo de 2.2 bilhões de cristãos, sendo 50% de católicos, conforme dados da *Pew Research Center*. É nesse cenário que os evangélicos pentecostais se tornaram os principais atores religiosos na esfera política continental.

No que diz respeito ao Brasil, faz-se necessário acrescentar que o país é composto por cerca de 80% de cristãos, com aproximadamente 55% de católicos e 25% de evangélicos dos quais 2/3 são pentecostais, considerando os dados do CENSO de 2010 e pesquisas do DataFolha de 2017 e 2021. A eleição de Bolsonaro em 2018 representou a primeira vitória política nacional do pentecostalismo, visto que os mesmos estão pela primeira vez na história do país ocupando de fato postos no primeiro escalão do poder federal e com influência significativa sobre o presidente. Os evangélicos apoiaram os governos de FHC e Lula, mas estiveram à margem do poder, havendo presença mais influente dos católicos: dos

carismáticos na era FHC e da Teologia da libertação na era Lula. Nos governos Dilma passaram a ter um significativo poder de veto, vide a política nacional de educação de gênero nas escolas que foi praticamente proibida pelos líderes pentecostais. Depois houve o apoio ao golpe que destituiu Dilma do poder via um processo de impedimento controverso. No governo Temer começa uma participação tímida que se consolida com a chegada de Bolsonaro ao Planalto.

Portanto, o livro de Goldstein nos remete ao debate do papel exercido pela religião na política. Entende-se que predomina uma relação utilitarista com o poder exponencial de reconfiguração do contexto político. Enfatiza-se que a atuação evangélica pentecostal e carismática católica tem sido voltada fundamentalmente para os interesses de suas instituições. É preciso entender também, como nos lembra Cecília Mariz, que muitos movimentos religiosos são movidos por forças e interesses não religiosos. E isso tem caracterizado o campo religioso com, notadamente, a proliferação de “igrejas-empresas”, isto é, a fundação de igrejas a partir de um modelo empresarial que são administradas como negócio. Goldstein nos lembra que para os pentecostais “la prosperidad económica es el signo de que es Dios, y no el Diablo” (a prosperidade econômica é sinal da presença de Deus, não do Diabo).

Enfim, trata-se de uma leitura indispensável para os estudiosos do fenômeno religioso, fundamentalmente para os cientistas sociais preocupados em entender a presença pentecostal/neopentecostal na política do continente.